



Sociedade das Ciências Antigas

SOBRE A SINCRONICIDADE

Em 1950 Carl Gustav Jung publica um ensaio chamado "Sincronicidade: Um Princípio de Conexões Acausais".

Neste ensaio Jung evoca dois filósofos, a saber, Schopenhauer e Leibniz. O primeiro vale-se do conceito da "prima causa" para explicar a "relação de simultaneidade" significativa, de cuja expressão Jung cunha o termo sincronicidade. De Leibniz é a idéia de "harmonia preestabelecida", assim comentada por Jung:

"Para este último (Leibniz), Deus é o criador da ordem. Assim ele compara a alma e o corpo a dois relógios sincronizados e emprega esta mesma imagem para exprimir as relações das mônadas ou enteléquias entre si. Embora as mônadas não possam influir diretamente umas nas outras (abolição relativa da causalidade), porque não têm 'pequenas janelas', contudo são constituídas de tal maneira, que sempre estão de acordo, sem terem conhecimento umas das outras. Ele (Leibniz) concebe cada mônada como um 'pequeno mundo', como um 'espelho indivisível ativo'. Não somente o homem, portanto, é um microcosmo que encerra a totalidade em si, como também - guardadas as devidas proporções - qualquer enteléquia ou mônada. Qualquer 'substância simples' tem conexões 'que expressam todas as outras'. 'Por isto, ela é um espelho vivo e eterno do universo'. Ele (Leibniz) chama as mônadas de 'almas de organismos vivos'. A alma obedece às suas próprias leis e o corpo também às suas; eles se ajustam entre si graças à harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, porque todas elas são representações de um só e mesmo universo".

Essas idéias coincidem com as dos primeiros românticos para os quais o mundo constituía-se num livro a ser lido, pleno de coincidências significativas, uma grande unidade. Para Goethe, citado por Jung: "Todos nós temos certas forças elétricas e magnéticas dentro de nós e exercemos um poder de atração e repulsão, dependendo do contato que tivermos com algo afim ou dessemelhante". A ligação causal encontra-se no registro da consciência. Já a ligação acausal encontra-se no registro do inconsciente, sem tempo e espaço.

Ainda com relação ao termo sincronicidade Jung assim se refere: "Escolhi este termo, porque a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal, me pareceu um critério decisivo. Emprego, pois, aqui, o conceito geral de sincronicidade, no sentido especial de coincidência, no tempo de dois ou vários eventos, sem relação causal, mas com o mesmo conteúdo significativo".

Conteúdo significativo é a forma de expressar os eventos afins, que separados pela cronologia, só podem se encontrar na paralisação do tempo, na simultaneidade. "Em tais circunstâncias parece que o fator tempo foi eliminado por uma função psíquica, ou melhor, por uma disposição psíquica que é capaz de eliminar também o fator espaço". Essa função psíquica é o inconsciente. Nele o eu, o sujeito, está ausente. Mas nele encontra-se uma forma de inteligência, cujo conhecimento se postula, como diz Jung, como "Precognição de alguma espécie". "Não é, certamente, um conhecimento que possa estar ligado ao eu, e, portanto, não é um conhecimento consciente como o conhecemos, mas um conhecimento inconsciente subsistente em si mesmo, e que eu preferiria chamar de conhecimento absoluto. Não é uma cognição do sentido próprio, mas, como disse Leibniz, uma percepção que consiste - ou, mais cautelosamente, parece consistir - em simulacra (imagens) desprovidas de sujeito".

Comentando a linguagem conceitual, Jung assinala a dificuldade que temos, por estarmos nela imersos, de encontrar uma linguagem que expresse e não comunique conteúdos. Quando não entendemos a linguagem do sonho, interpretamos seu significado. Só é possível falar em sincronicidade fora da linguagem conceitual, no medium acausal da linguagem do nome. Quanto a isso ele assim se refere: "É difícil despojar a linguagem conceitual de seu colorido causalista. Assim, a expressão 'estar na base de', apesar de suas conotações causalistas, não se refere a nada de causal, mas a uma *qualidade existente que expressa simplesmente aquilo que ela é, e não outra coisa*, ou seja, uma contingência irreduzível em si mesma. A coincidência significativa ou equivalência de um estado psíquico que não tem nenhuma relação causal recíproca significa, em termos gerais, que é uma modalidade sem causa, uma organização acausal".

Esta organização acausal é o que Benjamin chama de configuração, ou a "idéia como configuração": "As idéias são constelações intemporais, e na medida em que os elementos são apreendidos como pontos nessas constelações, os fenômenos são ao mesmo tempo divididos e salvos". E é nessa configuração dos fenômenos que se pode nomear a idéia. Essa nomeação caracteriza o fenômeno de origem, fundação. Referindo-se à obra de arte, Benjamin assim caracteriza esse momento: "Uma obra de arte significativa ou funda o gênero ou o transcende, e numa obra de arte perfeita as duas coisas se fundem numa só".

A sincronicidade, configuração simultânea e instantânea, significativa e acausal, é o fenômeno próprio da origem. Na terminologia dos primeiros românticos alemães a conexão, fenômeno sincrônico, é chamada de Witz. Seligman-Silva assim define o Witz em uma nota de sua tradução do livro de Benjamin chamado *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*: "Witz indica não apenas espíritosidade, perspicácia (Scharfsinn em alemão), como também capacidade combinatória (L.N. 89 e 920, A 37, K.A. XVIII, p. 125: 'Witz, ars combinatória, crítica, arte de encontrar, tudo uma mesma coisa'), ou, como afirma Benjamin, síntese (química, no A 366, opondo-se à cadeia de analogias mecânicas do entendimento...)". Benjamin comentando o Witz refere-se a ele como "um contexto medial contínuo, de um medium-de-reflexão dos conceitos. No Witz este medium conceitual aparece, como termo místico, como um relâmpago".

Para alguns filósofos: "A tarefa da filosofia é a de constituir uma linguagem verdadeiramente filosófica, uma arte combinatória de palavras". Essa "arte combinatória" é o Witz. Ainda segundo ela, "o Witz põe em cena a afinidade secreta entre as palavras filosóficas". E citando Schelegel: "Frequentemente as palavras se compreendem melhor a si mesmas do que aqueles que as usam". "Muitos achados do Witz são como reencontros, depois de longa separação de dois pensamentos amigos". Esse "reencontro depois de longa separação" é a base do conceito de conexão, caro a Benjamin e a Jung, e que pressupõe fragmento, sincronicidade, afinidade e configuração. Essa configuração é o que Leibniz, citado por Jung, chamou de, acima citado: "simulacra (imagens) desprovidas de sujeito".

A Sincronicidade se refere a questões relativas a duas formas diversas do pensar. De um lado, podemos observar o pensamento causal, e do outro, o causal ou sincrônico. Esse é um fenômeno onde um evento do mundo exterior, físico, coincide significativamente com um estado mental psicológico.

Ela consiste de dois fatores: uma imagem inconsciente vem a consciência diretamente (isto é, literalmente) ou indiretamente (simbolizada ou sugerida), sob forma de um sonho, idéia ou premonição. Uma situação objetiva coincide com esse conteúdo. Essas experiências de sincronicidade foram associadas por Jung, à relatividade do espaço e do tempo, bem como a certo grau de inconsciência e ele cita em seu livro "A Natureza da Psique": "Os aspectos realmente diferentes e confusos desses fenômenos, até onde posso perceber. No presente são perfeitamente explicáveis com a suposição de um continuum espaço – tempo, psiquicamente relativo. Tão logo

um conteúdo psíquico cruze o limiar da consciência, o fenômeno marginal sincronístico desaparece, tempo e espaço reassumem seu poder habitual, e a consciência uma vez mais se isola em sua subjetividade... Reciprocamente, os fenômenos sincronísticos podem ser evocados, colocando-se o sujeito em um estado inconsciente".

Ele definiu-a como um princípio de Conexão Acausal, uma conexão misteriosa entre a psique do indivíduo e o mundo físico, material que se baseia no fato de que no fundo são apenas diferentes formas de energia. Ainda em "Natureza da Psique": "Não apenas é possível, mas bastante provável, que psique e matéria sejam apenas dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Parece-me que os fenômenos sincronísticos apontam nesta direção, pois mostram que o não-psíquico comporta-se como psíquico, e vice – versa, sem que haja conexão causal entre eles".

O pensamento causal é uma forma de pensar linear de trás para frente, que satisfaz a nossa apreensão mental de um conjunto de fenômenos físicos: sempre esperamos que a causa venha antes do efeito. Esta forma de pensar tem uma ligação com o tempo, com o tempo linear, que é o tempo que rege a consciência. Dentro dessa forma de pensamento, todo efeito é uma decorrência de uma causa física ou psicológica.

Os físicos modernos têm nos provado a relatividade desse modo de pensar. Nós já não podemos pensar na causalidade como sendo uma lei absoluta, mas apenas como uma tendência ou uma probabilidade, pois alguns fatos fogem a essa regra dominante.

Nas palavras de Marie-Louise Von Franz: "Na física moderna, parece, por vezes, que o efeito ocorreu antes da causa e, portanto, os físicos tentam dar-lhe uma viravolta e dizer que ainda poderemos chamar isso de causal; mas penso que Jung está certo ao afirmar que tal procedimento amplia e distorce a idéia de causalidade ad absurdum, ao ponto de lhe roubar todo significado".

Podemos mesmo, ler na obra de Jung, SINCRONICIDADE:

"A preocupação do método científico experimental é constatar a existência de acontecimentos regulares que podem ser repetidos. Conseqüentemente, acontecimentos únicos ou raros não entram em linha de conta. Além disso, o experimento impõe condições limitativas à natureza, porque o seu escopo é fazer com que esta forneça respostas às perguntas formuladas pelo homem. Qualquer resposta da natureza é, por conseguinte, influenciada pelo tipo de perguntas que foram feitas, e o resultado é sempre um produto híbrido. A chamada visão científica do mundo, baseada neste resultado, nada mais é, portanto, do que uma visão parcial psicologicamente tendenciosa que deixa de lado todos aqueles aspectos, em nada desprezíveis, que não podem ser estatisticamente contados.

Mas para captar de um modo ou de outro estes acontecimentos únicos ou raros, parece que dependemos de descrições igualmente "únicas" e individuais. Isto resultaria em uma coleção caótica de curiosidades semelhantes àqueles velhos gabinetes de história natural onde, lado a lado com fósseis e monstros anatómicos guardados em vidros, encontram-se o chifre de um unicórnio, o homúnculo da mandrágora e uma sereia mumificada. As ciências descritivas, e, sobretudo a Anatomia no sentido mais amplo, conhecem muito bem esses "espécimes únicos", e aqui basta um só exemplar de um organismo, mesmo sumariamente duvidoso, para comprovar sua existência (...)

Nestas circunstâncias nós nos defrontamos com a necessidade imperiosa de verificar se o aparecimento aparentemente único é realmente único nas experiências registradas, ou se alhures não se encontram outros acontecimentos iguais ou pelo menos semelhantes. Não há leis absolutas naturais a cuja autoridade se possa invocar em apoio dos preconceitos. O máximo que se pode exigir, para sermos justos, é que o número de observações individuais seja o mais elevado possível. Se este número, estatisticamente considerado, permaneceu nos limites da probabilidade, então estará

provado estatisticamente, de que se trata de uma probabilidade do acaso, mas isto não nos fornece nenhuma explicação. Houve apenas uma exceção à regra. Ora, em nossa experiência existe um domínio imenso em cuja extensão contrabalança por assim dizer, o domínio das leis; é o mundo do acaso; onde parece que este último não tem ligação causal com o fato coincidente. Como temos uma convicção arraigada a respeito da causalidade absoluta da lei da causalidade, achamos que esta explicação do acaso é suficiente; mas se o princípio a causalidade só é válido relativamente, segue-se que a imensa maioria do acasos pode ser explicada em sentido causal; contudo deve restar um pequeno número de caso que não tem qualquer ligação causal. Encontramo-nos, assim, diante da tarefa de selecionar os acontecimentos causais e separar os acasais dos que podem ser explicados causalmente.

Como podemos reconhecer as combinações acasais dos eventos, visto que é, evidentemente, impossível examinar todos os acontecimentos com relação a sua causalidade. A resposta a esta pergunta é que devemos esperar eventos acasais, sobretudo onde, depois de demorada reflexão, nos parece impossível uma conexão causal.

Dariex descobriu uma probabilidade de 1:4.114.545 para a precognição "Telepática" ou coincidência acasual significativa.

O escritor Wilhem von Scholz recolheu uma série de casos que nos mostram a maneira estranha como objetos perdidos ou roubados voltam aos seus donos. O autor chega à conclusão, em si compreensível, de que todos os indícios apontam para uma "força de atração" destes objetos relacionados. Ele suspeita que os acontecimentos se dispuseram de tal modo, como se fossem o sonho de uma "consciência maior e mais abrangente, por nós desconhecida".

Só em época mais recente é que a prova decisiva da existência de acontecimentos acasais foi apresentada de maneira científica adequada, sobretudo através das experimentações de Rhine e seus colaboradores.

Os experimentos de Rhine nos põem diante do fato de que existem acontecimentos que estão relacionados experimentalmente (o que, neste caso, quer dizer significativamente entre si, sem a possibilidade, porém, de provar que tal relação seja causal; visto que a "transmissão" não revela nenhuma das conhecidas propriedades de energia. Por isso, há boas razões para duvidar de que se trata efetivamente de uma "transmissão". Em princípio, as experimentações com o fator tempo excluem qualquer transmissão desse tipo, pois seria absurdo admitir que uma situação ainda não existente, e que só se dará no futuro, possa transferir-se como fenômeno energético para um receptor do presente. Parece mais indicado dizer que a explicação deve começar, de um lado, com uma crítica ao nosso conceito de tempo e lugar e, do outro lado, com o inconsciente. Como já sabemos, é impossível, com os recursos atuais, explicar a extra-sensory perception, isto é, a coincidência significativa, como sendo um fenômeno da energia. Isto elimina a explicação causal, porque os "efeitos" não podem ser entendidos senão como um fenômeno da energia. Por isto, não se pode falar de causa e efeito, mas de uma coincidência no tempo, uma espécie de contemporaneidade. Por causa do caráter desta simultaneidade, foi escolhido o termo sincronicidade para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade. Nas experiências de Rhine o tempo e o espaço se comportam, por assim dizer, "elasticamente" em relação à psique, podendo ser reduzidos, aparentemente, à vontade. Nas experiências com o tempo e o espaço, respectivamente, esses dois fatores reduzem-se mais ou menos a zero, como se o espaço e o tempo dependessem de condições psíquicas, ou como se existissem por si mesmos, e fossem "produzidos" pela consciência".

No pensamento acasual, o centro é o tempo e parece que o feito ocorre antes da causa, ou melhor, ambos acontecem conjuntamente, ao mesmo tempo, pois no fenômeno sincronístico, não é feita

distinção entre fatores psicológicos e/ou fatores físicos. Neles, os fatos internos e os externos, estão reunidos.

Na sincronicidade, Jung enfatiza o fato de que se o nexos entre causa e efeito é estatisticamente válido, ele é só relativamente verdadeiro, pois a ligação entre acontecimentos em determinadas circunstâncias pode ser diversa da ligação causal.

Na China, esse é o modo clássico de pensar. Quando dizemos que o fenômeno tempo é muito mais central na forma sincronística de pensar, é porque nele existe o momento crítico, que é um certo momento no tempo, que vai surgir como elemento unificador, como um ponto focal para observação desse complexo de eventos.

Jung cita: "Os agrupamentos ou séries de casualidades não têm sentido, pelo menos para o nosso modo atual de pensar, e situam-se quase sem exceção, dentro dos limites da probabilidade. Existem, contudo, certos casos cujo caráter aleatório pode dar ocasião as dúvidas. Tomarei apenas um exemplo dentre muitos: No dia 1 de abril de 1949 anotei o seguinte: Hoje é sexta-feira. Teremos peixe no almoço. Alguém mencionou de passagem o costume do "peixe de abril". De manhã, eu anotara uma inscrição: Est homo totus medius piscis ab imo (o homem todo é peixe pela metade, na parte de baixo). À tarde, uma antiga paciente, que eu não via há vários meses, mostrou-me algumas figuras extremamente impressionantes de peixes que ela pintara nesse meio tempo. À noite mostraram-me uma peça de bordado que representava um monstro marinho com a figura de peixe. No dia 2 de abril, de manhã cedo, uma outra paciente antiga, que eu não via desde vários anos, contou-me um sonho no qual estava à beira de um lago e via um grande peixe que nadava em sua direção e "aportava", por assim dizer, em cima de seus pés. Por esta época, eu estava empenhado numa pesquisa sobre o símbolo do peixe na História. Só uma das pessoas mencionadas tem o conhecimento disso.

A suspeita de que este caso seja talvez uma coincidência significativa, isto é, uma conexão acausal, é muito natural. Devo confessar que esta sucessão de acontecimentos me causou impressão. Ela tinha para mim um certo caráter numinoso. Em tais circunstâncias somos inclinados a dizer: "Isto não é obra do acaso", sem sabermos o que dizer (...) Os casos de coincidências significativas, que devemos distinguir dos grupos casuais, parecem repousar sobre fundamentos arquetípicos (...)

E a sincronicidade aparece em primeiro lugar, como a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que apareçam como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em certas circunstâncias, também vice – versa (...)

Os acontecimentos sincronísticos repousam na simultaneidade de 2 estados psíquicos diferentes. Um é normal, provável (quer dizer: pode ser explicado causalmente) e o outro, isto é, a experiência crítica, não pode ser derivado causalmente do primeiro (...)"

Jung continua observando que na sincronicidade, existe uma simultaneidade do estado normal ou ordinário com um estado ou experiência que não pode ser derivada causalmente do primeiro, e cuja objetividade só vai poder ser observada posteriormente. Ele salienta ainda que isso em que ficar claro, por causa do que se refere aos acontecimentos futuros, uma vez que esses não são sincronos, mas sincronísticos, porque como imagens psíquicas no presente, como se o acontecimento físico ou objetivo já existisse à priori.